

Kristen Ciccarelli

ARAINHA Aprisionada

ISKARI
vol. 2

Tradução

ERIC NOVELLO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Kristen Ciccarelli

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Caged Queen

CAPA, ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO kakofonia.com

MAPA Elsa Kroese

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciccarelli, Kristen

A rainha aprisionada / Kristen Ciccarelli ; tradução
Eric Novello. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original: The Caged Queen.

ISBN 978-85-5534-084-0

I. Ficção canadense. 2. Ficção fantástica. I. Título.
II. Série

19-23841

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

Ioanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para Ferra'ol, Baldhina e Grace,
três centelhas brilhantes de esperança*

Ilhas
da Estrela

EIXO

MAR DE PRATA

Firefall

Casa das
Primaveras

Casa
do Céu

Casa das
Estrelas

Casa da
Música

Casa da
Sombra

SAVANAS



Regras para a Renúncia

Apague as luzes.

Tranke as portas.

Se precisar chorar, procure água corrente para abafar o som.

Deixe o pão torrar. Deixe o vinho azedar. Troque o açúcar pelo sal.

Não viaje depois do pôr do sol.

Esconda o rosto para não ser reconhecido.

Abandone todo o medo que vier a sentir.



A faca da Tecelã do Céu

Era uma vez um homem chamado Sunder que adorava tudo na sua vida. Ele levantava todo dia ao nascer do sol e caminhava pelas suas terras. Ele se maravilhava com a chuva que nutria suas plantações e com o sol que as fazia crescer. Apreciava a força de suas próprias mãos, que tinham plantado, debulhado e construído sua casa. Que embalavam sua filha para fazê-la dormir.

Sunder amava tanto sua vida que, quando a Morte foi atrás dele, se escondeu.

Ela vassculhou sua casa, mas não o encontrou.

Gritou seu nome pelos campos, mas ele não atendeu.

Até que a Morte desistiu, e levou outra pessoa no lugar de Sunder.

Quando ele saiu do seu esconderijo, sorriu diante da própria esperteza. Caminhou a passos largos para casa, pelas estradas de terra, assobiando feliz. Quando se aproximava da porta de casa, um som o deteve.

Alguém estava chorando.

Sunder abriu a porta e encontrou a esposa ajoelhada no chão da cozinha, segurando a filha pequena contra o peito. Quando ele caiu de joelhos do lado dela, viu que os olhos da menina estavam sem vida. Seu corpo estava frio.

Sunder praguejou contra a própria esperteza. Chorou e trincou os dentes.

Depois daquele dia, não acordou mais ao amanhecer. Não se encantou

mais com a chuva ou o sol. Quando olhava para a casa que construiria, enxergava apenas o que tinha perdido.

Ele implorou que a Morte devolvesse sua filha. Mas não era possível. A alma dela estava com a Tecelã do Céu.

Então Sunder decidiu que corrigiria seu erro.

Encontrou a deusa das almas no seu tear. A urdidura era feita dos sonhos dos vivos; a trama, das memórias dos mortos. Diante do som da invasão de Sunder, a ferramenta parou. A Tecelã abandonou o trabalho.

Sunder caiu aos seus pés e implorou.

— O seu pedido tem um preço — disse ela.

— Seja qual for, eu pagarei.

A Tecelã do Céu levantou.

— É sua alma que está em dívida. Foi sua morte que faltou.

Sunder fechou seus olhos, pensando na chuva que nutria suas plantações, no sol que as fazia crescer e na força de suas próprias mãos.

— Posso devolver a alma de sua filha. Posso recuperar a vida dela. — A Tecelã do Céu pegou sua faca. — Mas só você pode pagar o preço.

De joelhos, Sunder levantou a cabeça para a deusa sem rosto e disse:

— Pegue, então.

A Tecelã do Céu levantou a lâmina...

e cortou as amarras da alma dele.

Um



A IRMÃ DE ROA DISSERA QUE LEVARIA UM ANO para recrutar um exército, derrubar um tirano e casar com um rei.

Ela tinha conseguido tudo aquilo em apenas três meses.

E lá estava Roa, na mesa esculpida em acácia polida e brilhante, no menor pavilhão da casa de seu pai. O cheiro da fumaça adocicada do fogo-coração se espalhava. Essie estava em seu ombro, suas garras apertando e soltando, enquanto os pés descalços de Roa batiam impacientemente no tapete artesanal.

Cinco dias de negociação dos termos de paz estavam começando a deixar as duas tensas.

As armas ceremoniais de cada homem e mulher presentes estavam empilhadas no meio da mesa — facas longas e curtas, maças finamente esculpidas, foices reluzentes —, deixadas fora de alcance como uma demonstração de confiança. Havia apenas três cadeiras vazias. Tinham sido reservadas para representantes da Casa do Céu, e tinham permanecido desocupadas a semana toda — algo que todos evitavam comentar. Principalmente Roa.

Ela observou a cadeira vazia à esquerda, imaginando o jovem que deveria sentar ali. Ombros fortes. Olhos dourados como trigo. Cabelo castanho-escuro puxado para trás, deixando o belo rosto à mostra.

Theo, o herdeiro da Casa do Céu.

Antigo prometido de Roa.

Ele sempre foi teimoso. Os pensamentos de Essie inundavam sua mente enquanto suas garras apertavam sua pele. *Mas nunca tão teimoso.*

Roa acompanhou o delicado osso da asa do falcão no seu ombro. A conexão que compartilhavam — e que Essie chamava de *murmúrio* — brilhava quente e calorosa entre elas.

Eu o traí, pensou Roa. Não ficaria surpresa se ele nunca mais falasse comigo.

A conversa silenciosa das duas de repente foi interrompida pelos roncos de alguém.

A nova rainha e seu falcão viraram abruptamente da cadeira de Theo para o jovem que estava ao lado dela. A luz calorosa do sol da tarde entrava pelas janelas, iluminando os cachos castanhos e rebeldes dele. Seu cotovelo estava apoiado na mesa, o queixo descansava no punho cerrado, e os longos cílios negros tocavam suavemente suas bochechas.

Aquele era o rei-dragão. Dormindo em uma reunião importante.

Roa sacrificara tudo por aquele... *desperdício.*

Ela se irritou com os roncos e levantou os olhos para a dúzia de homens e mulheres reunidos em torno da mesa, todos representantes das grandes casas das savanas.

Roa rezou para que não notassem os roncos.

Mas de nada adiantava — claro que notavam. Dax tinha caído no sono em reuniões a semana toda, revelando a verdade para todos: ele não se importava que as sanções de seu pai não tivessem sido suspensas ou que o povo de Roa continuasse passando fome.

Não eram coisas para as quais Dax dava valor.

Aquele era o motivo pelo qual Roa estava ali. Tinha insistido em viajar pelo mar de areia para preparar pessoalmente um documento oficial. Uma vez que o tratado estivesse assinado, Dax não

poderia continuar quebrando suas promessas. Não sem consequências.

Por isso todos estavam ali, no lugar onde Roa crescera, com as cabeças inclinadas sobre um pergaminho.

O olhar dela passou pelo rei adormecido e pela pilha de armas até encontrar o olhar de seu pai, um homem de quase cinquenta anos, com cabelo escuro e encaracolado, começando a ficar grisalho. Parecia mais magro e cansado. Seria possível? Tamanha mudança nos meros dois meses que ela havia passado fora? Ele vestia uma túnica de algodão com o padrão da Casa da Música desaparecendo em torno do colarinho. Combinava com a vestimenta de Roa.

Uma rainha-dragão propriamente dita vestiria um caftã de cores vibrantes, sandálias finas e um diadema de ouro na cabeça. Mas Roa era, antes de qualquer outra coisa, uma nativa. Usava um vestido de linho cru feito pela mãe e um colar de contas de berilo azul-claro.

O pai a encarou, então olhou de relance para o jovem roncando ao lado dela. Sua expressão era inconfundível.

Pena.

O estômago de Roa se apertou como um punho cerrado.

Ela se *recusava* a ser alvo de pena. Ainda mais do próprio pai.

Por baixo da mesa, deu uma cotovelada com força nas costelas do novo marido. Surpresa com o movimento, Essie flexionou as asas para permanecer equilibrada no ombro dela. Dax acordou com um sobressalto, arregalando os olhos enquanto soltava um “Ufa!” discreto. Em vez de sentar direito e prestar atenção ou de demonstrar qualquer sinal de remorso, ele bocejou alto e se espreguiçou, deixando bem claro que tinha dormido.

Como se quisesse que todo mundo soubesse quão pouco se importava.

Os homens e as mulheres em torno da mesa olharam para Roa.

Quando ela encarou um rosto depois do outro, todos desviaram o olhar. Como se sentissem a humilhação da rainha.

Eram as mesmas pessoas que tinham confiado nela quando pedira por um exército para ajudar Dax a tirar o pai dele do trono. Agora estavam ali, observando-a com vergonha.

Filha da Música, ela podia ouvir todos pensando, *o que você fez?*

Os olhares a queimavam. Roa agarrou o vestido de linho. Queeria desesperadamente que a reunião terminasse. Mas o pergaminho ainda estava sendo assinado.

Ela olhou para Dax, que bocejava de novo.

— Estamos te entediando, meu rei? — Roa nem tentou disfarçar o tom de amargura na voz.

— Nem um pouco — ele disse devagar, com a atenção fixa em algo do outro lado da mesa. — Não dormi muito na noite passada.

Essie ficou inquieta, pisando em uma só garra e depois na outra, enquanto Roa virava para onde Dax estava olhando. Uma jovem tinha acabado de entrar no pavilhão. Era Sara, sua prima, com uma bandeja apoiada contra o quadril.

Seus cachos castanhos estavam presos em um coque com um pente de marfim. Ela usava três pulseiras feitas de conchas brancas e brilhantes.

Enquanto recolhia os copos de chá frio da mesa, Sara deu um sorriso alegre diante do olhar do rei. Roa se lembrou da noite anterior, com relutância. Depois de uma rodada de jogo e de muita bebida com o irmão e os primos dela, Dax tinha flirtado abertamente com todas as mulheres, incluindo Sara. Os flertes de Dax seriam algo com que teria que se acostumar.

Roa tinha razoável certeza de que flirtaria com um dragão se estivesse bêbado o suficiente.

Ela parou de olhar para o rei e sua prima. Não queria ver os sorrisos que trocavam. Nem saber até onde tinham ido.

Mas havia apenas dois outros pontos para onde olhar: os rostos envergonhados dos representantes das casas ou a cadeira vazia ao lado dela.

Era uma escolha terrível.

No fim das contas, Roa optou pelas consequências da quebra de sua promessa. Olhou para a cadeira de Theo como se ele estivesse ali, encarando-a de volta.

Às vezes ela se permitia imaginar como sua vida teria sido se houvesse mantido a promessa feita a ele. Com certeza não haveria um rei na casa de seu pai, flertando com suas primas, humilhando-a na frente daqueles que mais amava.

E não haveria ninguém mantendo as savanas seguras, Roa ouviu Essie dizer em sua mente. As garras dela apertaram o ombro da rainha com carinho. *O pai de Dax teria tirado todo o nosso sangue.*

Era verdade, claro.

Você fez o que precisava fazer, Essie disse, roçando as penas do topo da cabeça contra a bochecha de Roa. *E todos sabem disso.*

De fato, Roa tinha feito aquilo pelos nativos, incluindo Theo. Ela não permitiria que outro rei de Firgaard tivesse o que quisesse deles. Já haviam tomado o suficiente.

Roa olhou para Dax enquanto acariciava as penas suaves de Essie. Quando o pergaminho chegou ao rei, ele o assinou, então pegou uma pitada de areia da tigela na frente deles e jogou por cima da tinta molhada. Quando secou, Dax soprou a areia para longe, enrolou o pergaminho e o ofereceu a Roa.

O alívio na sala era palpável. O rei estava fiel às suas promessas. Finalmente ficariam livres da tirania de Firgaard.

Vozes se levantaram, conversando, o riso mais fácil agora que tudo havia terminado.

Quando uma moringa de vinho chegou, Roa franziu a testa. Fazia anos que seu pai não servia vinho para convidados. Poucas

pessoas nas savanas podiam se dar ao luxo. Ela se perguntou o que sua família precisaria sacrificar aquele mês para compensar tal indulgência.

Cego a tudo aquilo, Dax serviu o vinho em dois copos de barro vermelho, então passou preguiçosamente o braço em torno do encosto da cadeira de Roa. Surpresa com a proximidade, Essie voou para longe.

A rainha, que estava mais acostumada ao peso da forma aprisionada de sua irmã do que à sua ausência — seus ombros tendo aguentado oito anos de pequenas cicatrizes por causa das garras de Essie —, gelou imediatamente.

Dax se inclinou em direção a Roa, estendendo um copo cheio.

— À paz — ele disse suavemente, envolvendo Roa com seu cheiro de hortelã.

Ela não ousava olhar para Dax. Sabia dos feitiços que aqueles olhos castanhos calorosos conjuravam. Das promessas na curvatura daquela boca. Já tinha visto um número grande de garotas sucumbirem aos encantos de Dax para saber que precisava se proteger deles.

A rainha desviou os olhos para o pescoço dele, observando o batimento constante de sua pulsação. Então pegou seu copo e disse:

— Um brinde a reis que mantêm suas promessas.

O olhar dela cruzou com o dele. Pelo mais breve dos instantes, Roa acreditou ver divertimento nos olhos de Dax. Então aquilo desapareceu atrás de um sorriso sereno.

Roa odiava aquele sorriso. Odiava o efeito que causava nela.

Ela pousou o copo na mesa e levantou com um impulso.

— Se terminamos aqui — disse, olhando para o pai e esticando a mão em direção à pilha de armas conquistadas sobre a mesa —, devo pedir licença. Preciso ir a outro lugar.

Roa pegou a foice do topo da pilha sem esperar pela resposta

do pai. Ela virou as costas para a mesa e saiu pela porta aberta sem olhar para trás.

Essie a seguiu.

Roa cavalegou rapidamente pela fronteira da Música. Os cascos de Poppy golpeavam a terra quente e rachada, colocando distância entre ela e a casa do seu pai. Entre ela e o menino-rei.

Foi como se o grande mundo aberto que um dia conhecera — tão ilimitado quanto o céu acima — tivesse se tornado uma prisão. Roa havia entrado nela de livre e espontânea vontade, mas as correntes ainda incomodavam.

No meio do caminho, ela sentiu um murmúrio familiar ressoando dentro de si. O instinto a fez procurar nos céus por um falcão branco.

Essie.

Mesmo com tanta distância entre as duas, Roa podia sentir o desconforto da irmã.

Aonde está indo?, Essie perguntou. *Você vai perder a Colheita.*

Poppy desacelerou e passou a trotar quando Roa se reclinou na sela, se lembrando de que a Colheita era aquela noite.

Uma vez por semana, a Casa da Música preparava um jantar para os mais impactados pelas sanções de Firgaard. Nas noites de Colheita, a casa costumava ficar lotada. Os mais pobres podiam comer e levar embora o que mais fosse oferecido.

Você precisa estar lá, disse Essie, ainda tentando alcançá-la. *É quem dá esperança a eles, Roa.*

Mas retornar à Casa da Música significava encarar Dax. Significava vê-lo beber o vinho do pai enquanto flertava com outras garotas.

Roa cerrou seus dentes.

Me mantive obediente ao lado dele por dias. Os pensamentos dela ardiam na mente da irmã gêmea. Se tiver que fazer isso por mais um instante, eu... Sua pegada nas rédeas apertou. Vou desistir de tudo.

Ainda dava tempo. O casamento não tinha sido consumado. O que significava que podia ser anulado.

E quem vai nos proteger, então?, foi a resposta de Essie.

Aquele era o problema. Roa tinha tomado sua decisão. Cibia a ela manter seu povo seguro.

Roa tinha achado que trocar sua liberdade pela proteção das savanas seria mais fácil. Não havia percebido que custaria muito mais.

A voz da irmã surgiu suave e baixa na sua cabeça: *Você deveria ter mais cuidado. Estão começando a notar suas ausências.*

Roa passava todas as noites fora desde que tinham voltado para casa, seis dias antes.

Deixe que percebam, ela pensou, atiçando Poppy a galopar.

Ao longe, a terra marrom-avermelhada mudava para um borão verde de floresta. Roa foi direto para o caminho oculto pelas acárias. Estavam adentrando o distrito das sombras, onde a quinta grande casa um dia se ergueu orgulhosa... até sua ruína.

Uma pontada da frustração da sua irmã a atingiu. Roa a ignorou.

Roa. A voz inundava sua cabeça enquanto Essie se esforçava para acompanhar o ritmo. Suas elegantes asas brancas lutavam contra o vento que continuava a arrastá-la para trás. *Você não pode simplesmente sair correndo!*

Sou a rainha, ela pensou. *Posso fazer o que quiser.*

Você não está agindo como uma. Os pensamentos de Essie ficavam mais distantes. *Está agindo como uma... criança... egoísta... assustada.*

Aquilo doía.

Em resposta, Roa enviou pensamentos frios para a irmã. Essie retribui de forma mais afiada.

Logo antes de Poppy começar a caminhar entre as árvores, o

falcão branco guinchou. Roa sentiu uma pontada dolorosa e parou, franzindo a testa em concentração. Olhou por cima do ombro para ver Essie, um pontinho branco no céu de cornalina, ainda lutando contra o vento, tentando chegar até ela.

Então sentiu uma segunda pontada, mais forte. Roa inspirou com dor. Ela apertou as rédeas de Poppy e se comunicou com a irmã. *Se está tentando me machucar, está funcionando.*

Essie não respondeu.

Roa tinha pensado que a irmã entenderia. Essie sabia melhor do que ninguém o que era ser uma prisioneira. Mas ela parecia ficar cada vez mais do lado de Dax, assim como Lirabel. Como se o charme ridículo dele estivesse fazendo efeito nelas também.

Com certa raiva, Roa deu as costas à irmã. Nem esperou Essie alcançá-la, voltando para as árvores sem ela.

Essie ia encontrá-la. Sempre conseguia. A conexão entre as duas era forte e vibrante. Roa podia sentir sua irmã — podia sentir a forma de sua alma — mesmo se houvesse um deserto entre elas.

Jacarandás floriam ali. Suas flores roxas cobriam o chão como um tapete, mais bonito do que qualquer tapeçaria palaciana. Roa inspirou o cheiro adocicado enquanto Poppy caminhava até a entrada da Casa da Sombra.

Corrompido, as pessoas diziam daquele lugar. Um homem havia morrido ali, muito tempo antes, e seus familiares não tinham seguido com os ritos apropriados. A ligação entre os vivos e os mortos não fora rompida. Então, na Renúncia — a noite mais longa do ano —, a alma do homem se perdera e ele chacinara toda a família.

Ou pelo menos era como contavam.

Espíritos corrompidos eram perigosos, motivo pelo qual as regras da Renúncia precisavam ser seguidas.

Mas, mesmo se a história fosse verdadeira, o espírito daquele homem já teria seguido viagem havia muito tempo.

Depois de apear e amarrar Poppy a um galho, Roa atravessou a entrada desmoronada da casa em ruínas. Conforme andava pelos corredores sem teto, pensou naquela cadeira vazia. Era obviamente um insulto. Mas Theo havia sido insultado primeiro. A Casa do Céu tinha sido a única das grandes casas a votar *contra* Roa ajudar Dax na revolta. E um voto unânime era necessário antes que alguém das savanas pudesse marchar com um exército pelo mar de areia. Roa tinha violado a lei dos nativos.

E depois havia partido o coração de Theo.

Ela verificou cada aposento em ruínas. Estavam todos vazios. Então verificou mais uma vez.

Ele não veio, pensou, desanimada.

Theo não queria que Roa ajudasse Dax. Havia dito que, se ela partisse, não voltaria.

Você estava errado, Roa pensou. *Eu voltei*.

Ela estava ali, não estava? Esperara por ele exatamente onde costumavam se encontrar antes, por cinco noites seguidas.

E por cinco noites seguidas, Theo não tinha aparecido. Porque Roa se casara com Dax. Porque ela havia se tornado rainha.

Era tarde demais para Roa e Theo.

Enquanto o vento balançava a copa das árvores acima, Roa escalou o parapeito da janela de uma parede parcialmente desmoronada. Encostando na pedra fria e empoeirada, levou as mãos ao rosto.

Você é rainha agora, disse a si mesma. *Rainhas não choram*.

Era algo que Essie diria. Se estivesse ali.

Enquanto esperava a irmã, Roa pensou na vergonha nos olhos do pai. Nos olhos de todos eles.

Talvez fosse melhor daquele jeito. Ela não tinha certeza se conseguia aguentar aquela mesma expressão no rosto de Theo.

Depois que milhares de segundo tinham se passado e Essie ain-

da não aparecera, Roa ergueu os olhos para a copa. Para o pedaço de céu escurecendo acima dela.

Instintivamente, seu olhar foi para as duas estrelas favoritas da irmã. *Estrelas gêmeas*, Essie costumava dizer. A irmã adorava as histórias da Tecelã do Céu, a deusa que tecia almas com estrelas e as costurava no firmamento.

Roa pensou na Tecelã transformando a alma de Essie em uma estrela e então colocando-a lá em cima, sozinha, sem sua companhia.

Um calafrio se espalhou por suas entradas.

Por que Essie estava demorando tanto?

Roa tentou alcançar o murmúrio normalmente vibrante. Mesmo antes do acidente de Essie, sempre havia estado ali, dentro de ambas, caloroso e brilhante.

Naquele momento, a ligação parecia fraca e tênue. Como uma pulsação baixa demais.

Essie?

Nenhuma resposta.

Roa deu impulso para descer do parapeito e voltou pelos apartamentos arruinados e vazios.

— Essie? — Sua voz ecoava. — Cadê você?

Só houve silêncio como resposta.

Roa acelerou, pensando no modo como os pensamentos da irmã tinham oscilado estranhamente. Em quão distante ela havia parecido antes.

Essie, se isso é uma piada, não tem graça.

Na saída, Roa desamarrou Poppy e subiu nela com um pulo, conduzindo-a na direção da linha das árvores. Quando chegaram lá, o sol já tinha se posto fazia tempo e o céu estava azul-escuro. Ela não conseguia encontrar sinal de um pássaro branco em suas profundezas.

Roa fez uma concha com as mãos e gritou.

— *Essie!*

Sua voz ecoou e morreu. O vento farfalhou as folhas atrás dela.

Era um assunto sobre o qual as duas irmãs nunca conversavam, como se fosse torná-lo verdade: uma alma que não tinha atravessado não poderia existir para sempre no mundo dos vivos. Cedo ou tarde, o chamado da Renúncia ficava forte demais.

Essie resistia havia oito anos.

Levantando a cabeça para as estrelas, Roa murmurou:

— Essie, cadê você?